



Luise Weiss

Artes Visuais nas Universidades: um espaço para fazer, experimentar, pensar e aprender a ver

palavras-chave:

Artes Visuais;
ensino de Arte;
universidade;
professor/artista;
estudante universitário;
pesquisas artísticas

O presente artigo pretende focalizar questões do ensino de Arte nas universidades; o papel dos professores/artistas e a formação abrangente do curso de Artes Visuais. Destaca-se a importância das experimentações e pesquisas desenvolvidas nos ateliês simultaneamente à presença de estudos de História da Arte, Estética e Filosofia da Arte.

Keywords:

Visual Arts;
Art Education;
university teacher/
artist; college student/
artistic research

This article intends to focus on issues of teaching Art in universities, the role of teachers/artists and comprehensive training course of Visual Arts. The study highlights the importance of trials and surveys conducted in the workshops while the presence of studies in Art History, Aesthetics and Philosophy of Art.

Entendido por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever.
Roland Barthes¹.

1. BARTHES, Roland.
Aula. São Paulo:
Editora Cultrix, s/d,
p. 17.

Quando a Universidade de Paris estava viva (vamos dizer, nos tempos de Abelardo), até os debates especializados altamente técnicos constituíam um espetáculo público. A educação que não se apoia na vida e nos problemas mais vitais e imediatos de sua época não é educação; é apenas sufocação e sabotagem.
Ezra Pound².

2. POUND, Ezra. A arte da poesia: ensaios escolhidos. São Paulo: Editora Cultrix, 1976, p. 82.

Em relação ao assunto “Arte: um aprendizado na Faculdade”, penso em abordar três aspectos: o artista/professor; o curso de Artes na Universidade; e o aluno do curso de Artes. Essas áreas estão interligadas, porém suscitam questões diversas.

Pretendo abordar o texto como professora e artista (ex-aluna do Curso de Artes Plásticas da ECA-USP nos anos 1970, mais especificamente de 1973 a 1978). Na medida em que o nosso olhar se detém na nossa época, o ensino de arte não poderia seguir normas rígidas como em épocas anteriores, nas quais havia inúmeras regras e etapas pré-estabelecidas. O que não significa um *laissez-faire* ou uma atitude arbitrária qualquer, como se pode ver, por exemplo, em uma telenovela em que se mostra um chimpanzé pintando: uma ironia com relação ao trabalho artístico e ao pensamento humano. Afinal, arte exige trabalho, pensamentos, dúvidas, em síntese, trata-se de uma construção de linguagem visual.

Num mundo repleto de imagens, de mudanças rápidas, as noções da finitude do tempo implicam um universo onde o precário, o passageiro, o efêmero, participam da construção artística e tanto o aluno como o professor e os programas dos cursos têm que estar atentos a essas transformações.

1. O artista/professor

No olvidemos que original viene de origen.
La obra es para mi contestación y pregunta.
Eduardo Chillida³.

3. CHILLIDA, Eduardo.
Escritos. Madri: La
Fabrica Editorial, 2005.

O ensino de arte desenvolvia-se outrora no ateliê do artista, estabelecendo-se a relação de mestre e aprendiz. Na medida em que essa relação foi substituída pelo curso de Artes, o ensino passou a existir nas Academias de Belas Artes, nos Liceus de Arte e Ofícios. Sem dúvida, não vejo possibilidade de se pensar um professor de Arte que não seja artista, pois o ensino não apenas envolve aspectos materiais, técnicos (no sentido do aprendizado de um instrumental), mas também há a transmissão

de uma visão de mundo, uma maneira de enxergar e entender a arte: questões éticas aliadas à estética.

Não se ensinam regras ou fórmulas “fechadas”, porém o contato com materiais diversos pode enriquecer o repertório do aluno, estimulando a pesquisa em Artes. Uma vez, ao término de uma livre-docência à qual assisti, ouvi um comentário de que não haveria espaço para os artistas nas universidades, ou seja, os artistas “mais importantes” não estão vinculados ao ensino nas universidades, já que há uma carga de solicitações como burocracias, relatórios, reuniões etc. Concordo com o fato, há uma demanda, acredito, porém, que há artistas que se envolvem com o ensino, que veem a educação como uma troca contínua a partir das questões que os alunos trazem e não apenas como uma perda de tempo. Há outros, por outro lado, que não possuem paciência e optam por esquemas de vida fora da academia. São opções de vida.

Marco Francesco Buti, professor e artista comenta:

Não quero parecer injusto para com a universidade, mas é para aperfeiçoá-la que eventuais críticas devem ser feitas [...]. Seria difícil superestimar a importância de minha formação universitária. Foi onde aprendi tudo o que pude sobre arte, como a existência de um pensamento material, graças à diversidade entre meus professores. Uma universidade como a USP é um espaço de liberdade, diversidade e diálogo, riscos que não podem ser diminuídos pela uniformização. Para o bem da universidade, dentro dela o artista precisa continuar artista⁴.

4. BUTI, Marco Francesco. **A arte na universidade, a universidade na arte.** Memorial apresentado para a obtenção do título de livre-docente. ECA/USP, 2008, p. 34.

5. ARNHEIM, Rudolf. **Intuição e Intelecto.** São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 141.

2. Artes na Universidade

A percepção e o pensamento precisam um do outro. Completam mutuamente as suas funções.

Rudolf Arnheim⁵.

Os cursos artísticos são abrangentes, mesclando-se as aulas sobre estética, filosofia da arte, história da arte, aulas em ateliês, oficinas, leituras, pesquisas, visitas a museus e exposições intercaladas às pesquisas práticas. Quando mencionamos a prática, ela envolve questões da sintaxe visual (composição, cores, formas, texturas, linhas etc.), como também experimentações com materiais. Há erros e acertos nas buscas, bem como há a necessidade do domínio dos materiais para se chegar ao destino almejado.

Como posso reunir materiais se não conheço a reação deles ou sua resistência ou a sua nitidez?

Na realidade, o fazer e o pensar caminham juntos e é impossível separá-los. A nossa educação fragmenta as áreas, como se o fazer pudesse existir sem um pensamento, e vice-versa. Do surgimento das ideias iniciais até a concretude do trabalho, há as etapas de experimentação, dos esboços, dos pré-projetos, da escolha consciente dos materiais até

o resultado almejado. Esse é, a meu ver, um dos desafios do artista: conciliar a sua ideia, o seu projeto inicial, com a escolha dos materiais adequados, enfrentando novos desafios e estando aberto e atento às coisas, ao mundo em geral. Estabelecer em sala de aula diálogos, reflexões, olhares críticos é fundamental. O exercício da crítica e da autocrítica impulsiona para frente, assim como o contato com a História da Arte abre perguntas e dúvidas: qual o caminho a seguir, no meio de tantas opções?⁶ O que eu quero expressar na arte?

6. DANTON, Gian. Edgar Morin e o pensamento complexo. Revista *Conhecimento Prático/Filosofia*, n.21, São Paulo, Editora Escala.

No livro *O Artífice*, Richard Sennet reúne o fazer e o pensar, pois nos mostra que na diversidade de instrumentos e matéria-prima, ao lixar uma placa de madeira, ao misturar os pigmentos para a pintura, ao desenhar, ao criar no computador ou no vídeo, é impossível se separar a ação do pensamento. Isso para que o trabalho final possua materialidade, para que não seja apenas superficial, decorativo, pois assim estaríamos diante de obras sem vida, sem objetivos, “vazios”, diante das quais corremos o risco de não conseguir chegar a um resultado satisfatório. O que impulsiona o trabalho artístico é uma inquietude, um querer descobrir, fazer, refazer, desmanchar: atividades constantes de ateliê. Muitos artistas possuem caderno de anotações, no quais registram suas ideias iniciais. Na medida em que o trabalho se concretiza, ocorrem mudanças, são os atalhos que surgem. No entanto, houve um ponto de partida e, neste sentido, não há fundamento em se dizer que o artista é apenas intuitivo, emocional, que há uma espera pela inspiração.

Há emoções, intuições, reflexões; estas, no entanto, transformam-se em expressão artística. Leituras de livros, visitas a exposições, música, cinema, vídeo, tudo pode dialogar com o projeto e até fazer parte dele. Há inúmeros artistas que trabalham em múltiplas linguagens simultaneamente.

3. O aluno do curso de Artes

(...)

_ Então o que para você seria uma escola de arte?

Evandro: Uma escola aberta cujas atividades fossem também fundamentais no projeto nascente de cada estudante. A poética como um ponto de partida, e daí para as questões da técnica, um tipo de produção que pressupõe conhecimento e ações materiais.

_ Você poderia explicar o que é essa poética?

Evandro: A poética é o projeto. Um tipo de atividade, que de uma forma ou de outra, se volta para aquilo que queremos realizar.

Evandro Carlos Jardim⁷.

7. Entrevista com Evandro Carlos Jardim, *Revista Caramelo*, FAU/USP, 1992.

O estudante ao escolher uma faculdade ou universidade de Artes realiza a opção motivado pelo desejo de aprendizado e aprofundamento do seu conhecimento na área artística (excepcionalmente ocorrem casos nos quais a opção por artes foi aleatória). Evidentemente há uma

seleção natural que ocorre durante o curso, pois, desenvolver uma vida profissional artística exclusiva não é fácil. A opção “ser artista” não é desenvolvida na escola. Não há regras para se ser um artista, porém há a necessidade de muito trabalho, persistência, resistência. Alguns o conseguem, inclusive alguns conseguem viver da carreira artística. Outros estudantes desenvolvem carreiras de magistério, museologia, curadoria, *design* gráfico, restauro de obras de arte, outros são historiadores e pesquisadores, ilustradores de livros (fauna e flora), áreas afins às Artes Visuais. Há ainda a ser considerada a cenografia e outras atividades, ou seja, o ensino de Artes abre possibilidades, tangencia áreas próximas às Artes Visuais, sem excluir o fazer artístico. A escolha de outras áreas profissionais não significa um trabalho artístico de menor qualidade, porém há artistas que atuam também como professores e o realizam plenamente, uma área complementando a outra.

Às vezes, ainda ouve-se um certo comentário que diz que o professor de arte é um artista frustrado...

Há ainda casos nos quais o estudante almeja desenvolver um trabalho visual nas possibilidades de seu repertório, não cobiçando projetos grandiosos, tampouco bienais ou grandes eventos, porém desenvolver trabalhos visuais simplesmente. Esses casos não podem ser menosprezados, pois o território da arte é generoso e amplo.

Um curso de Artes deve, a meu ver, mostrar a amplitude de atuação, respeitando a escolha individual do aluno.

Contrariamente ao que muitos dizem, há casos nos quais o projeto de mestrado ou doutorado auxilia num aprofundamento maior, no caso da pesquisa e das leituras que acompanham o projeto. As leituras podem enriquecer o repertório de conhecimento e reflexão e o exercício da escrita auxilia a organização e o registro das reflexões que ocorrem durante o processo de trabalho. A escrita torna-se, assim, um outro trabalho, tão importante quanto a parte visual. Textos escritos por artistas, depoimentos e entrevistas interessam, testemunhos de um fazer aliado à reflexão, a um olhar crítico, a uma experiência artística e de vida.

Considerações finais

Isto significa que a educação artística está destinada a representar um papel central no currículo de uma boa escola ou universidade, mas que só poderá fazê-lo se o trabalho em estúdio e a instrução em história da arte forem compreendidas como um meio de enfrentar o ambiente, e o eu.
Rudolf Arnheim⁸.

8. ARNHEIM, Rudolf.
Op. cit., p. 153.

Sintetizando as colocações registradas, vejo, sim, possibilidade da universidade abrir caminhos para futuros artistas que, por sua vez, não de seguir desejos latentes, da mesma maneira, oferecendo possibilidades para a formação de arte-educadores, arte-terapeutas, historiadores de arte, pesquisadores, curadores, museólogos, restauradores, ilustradores, cenógrafos, projetistas gráficos e tantas outras possibilidades.

Convivendo com a diversidade existente, a pergunta final é ainda importante: afinal, o que eu pretendo com o meu trabalho? O que eu quero expressar? E como expor, demonstrar a pesquisa visual? Esses ainda são os grandes desafios, são as perguntas que acompanham o artista na sua trajetória artística e que ele procura expressar com seu trabalho.

Conviver com professores com diferentes pontos de vista, diferentes visões de arte, pode ser muito produtivo e rico, não se direcionando a apenas uma maneira de ver o mundo. Há leituras de pensadores e filósofos que tecem considerações sobre a atualidade. Edgar Morin, no seu livro *Os 7 saberes*, comenta:

O terceiro conhecimento refere-se à condição humana. Os professores deveriam ensinar diversidade cultural, e, ao mesmo tempo, o que todos temos em comum, promovendo uma espécie de consciência global. [...] todos os humanos, desde o século 20, vivem os mesmos problemas fundamentais de vida e morte e estão unidos na mesma comunidade de destino planetário [...] assim, a escola deve preparar seus alunos para lidar com a incerteza de um mundo em constante transformação⁹.

Evidentemente o nosso tempo traz diferenças em todos os sentidos: a globalização, mudanças da atmosfera, questões de ecologia, política, informatização – a arte se insere neste universo, porém algumas questões fundamentais se repetem e são constantes: de onde viemos? para onde vamos? Vida e morte, tempo, memória, ausência, imaterialidade, a busca de uma nova espiritualidade... São questões que permeiam a Arte Contemporânea. Portanto, um curso de Artes numa Universidade de Artes deve, a meu ver, constituir-se num espaço para fazer, pesquisar, experimentar, refletir, questionar e aprender a ver. Um espaço de convivências e diálogos.

9. MORIN, Edgar.
*Os 7 saberes
necessários à Educação
do futuro*. São Paulo:
editora Cortez, 2002.

Bibliografia complementar

BERGER, René. *Arte y Comunicación. Colección punto y Línea*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1976.

PERNIOLA, Mario. *A estética do século XX*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SENNET, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: editora Record, 2009.

Revistas

Benjamin pensa a Educação. Educação especial. Biblioteca do professor, n.7.

A educação contra a barbárie. Editora Segmento, março, 2008.